



Fonte: Jornal de Notícias

Data: 15-03-2010

Autor: Leonor Paiva Watson

Tema: Pobreza

Mulheres imigrantes vulneráveis

Especialistas revelam existência de fragilidades acrescidas em relação à população total

Apesar de os dados oficiais não revelarem valores sobre a pobreza nas mulheres imigrantes, os especialistas revelam que este é um dos grupos mais vulneráveis. As mulheres imigrantes têm fragilidades acrescidas que as coloca em sério risco.

Desde logo, a questão da língua concorre para esta vulnerabilidade. Até aprender a língua do país onde escolheu a viver, a imigrantes estará mais limitada em termos de participação na sociedade, ou seja, será mais difícil para ela arranjar emprego. Seguem-se depois os factores culturais. "As mulheres africanas, por exemplo, têm muita dificuldade em trabalhar fora de casa", exemplifica Amélia Bastos, economista e professora no ISEG, na Universidade Técnica de Lisboa.

E depois, mas não menos importante, a situação em que a imigrante se encontra dentro do país que escolheu é muito importante. "Muitas vezes, vem o marido primeiro e a mulher vem depois com visto de turista. Vai ficando por cá ilegal e vai ficando sujeita a todo o tipo de emprego precário. Acabam por aceitar tudo o que lhes aparece, com salários muito precários", aponta aquela especialista cujo domínio de investigação é a pobreza.

Maior fragilidade

Ainda outros factores concorrem para uma situação de maior fragilidade. Para começar, na maior parte dos casos, as imigrantes não têm suporte familiar, isto é, ou estão cá sozinhas ou apenas com o marido e os filhos; e, sendo as únicas a cuidar dos filhos, acabam por não ter tanta disponibilidade para trabalhar fora de casa. "Isto terá reflexos ao nível da sua autonomia material e imaterial. Não tendo autonomia financeira acabam por ter, dentro de casa, menos poder, menos voz, menos poder de decisão", explica.



Tudo isto constrói um cenário de exclusão social. A língua, os factores culturais e um papel muitas vezes submisso dentro da própria família faz com que estas mulheres não se misturem com a sociedade onde, afinal, vivem. Acabam por não se informarem "e não participarem em termos de cidadania. Não conhecem os seus direitos e os seus deveres. Ficam muito isoladas", afirma.

"As mulheres africanas, por exemplo, são menos escolarizadas e são muito dependentes dos seus maridos. Têm poucas ferramentas para se integrarem devidamente. Já as mulheres de Leste, apesar de assumirem um papel secundário em relação aos maridos, são bastantes escolarizadas, o que lhes dá mais ferramentas para se integrarem", revela.

Combater exclusão

Como é possível, então, combater-se este cenário de exclusão? Para começar "será importante chegar até estas mulheres. É importante que elas aprendam a nossa língua e que tenham informação sobre os seus direitos e sobre as suas responsabilidades também", atalha Amélia Bastos. E depois é importante fazer todo um trabalho de sensibilização junto da restante sociedade.